
Um cálice em *terra sigillata* de tipo itálico encontrado na zona ribeirinha de Lisboa

EURICO DE SEPÚLVEDA*
LÍDIA FERNANDES**

R E S U M O

Analisa-se um conjunto de fragmentos pertencentes a um cálice em *terra sigillata* de tipo itálico, exumado numa intervenção arqueológica realizada na zona ribeirinha de Lisboa (Rua dos Bacalhoeiros) nos anos de 2005 e 2006. O estudo que se apresenta reporta-se ao contexto da escavação mas foca-se, particularmente, na profusa ornamentação que a face exterior deste exemplar apresenta. Elabora-se um estudo analítico e comparativo desta peça, tentando definir a oficina de produção, que atribuímos à oficina aretina de *M. Perennius Tigranus*, bem como o repertório decorativo e respectiva simbologia, os quais nos remetem para cenas de “*Symposium*”.

A B S T R A C T

Concerning new perspectives on the study of the decorated Italian *sigillata* this paper is focused on a set of sherds belonging to the same chalice elaborated in the pottery of *M. Perennius Tigranus* at Arezzo depicting scenes of a “*Symposium*”. These sherds were exumated at the so called Riverside Lisbon (Lisboa Ribeirinha, Rua dos Bacalhoeiros) during the excavations that took place in the years of 2005 and 2006.

1. Introdução

O presente trabalho debruça-se sobre um cálice em *terra sigillata*, de tipo itálico, que ostenta decoração na sua face exterior. Apesar de não se encontrar completo, a qualidade deste exemplar, assim como a sua riqueza ornamental, justificam a sua apresentação mais detalhada.

Esta peça foi encontrada no decurso da intervenção arqueológica levada a cabo entre Outubro de 2005 e Fevereiro de 2006, no edifício com os n.ºs 32 A/B/C/D da Rua dos Bacalhoeiros/Rua da Padaria n.ºs 1-9, em Lisboa, localizado na freguesia da Madalena e na zona ribeirinha da cidade, não muito longe da bem conhecida Casa dos Bicos (Figs. 1 e 2). Inserida esta obra no empreendimento de requalificação levado a efeito pela Câmara Municipal de Lisboa em 2004, pretendia-se, neste edifício, realizar uma avaliação do estado de conservação das fundações o que implicaria o revolvimento do subsolo e a abertura de valas de diagnóstico para avaliação dos alicerces.



Fig. 1 Planta de localização do imóvel da Rua dos Bacalhoeiros onde foram realizados os trabalhos arqueológicos.



Fig. 2 Ortofotomapa da planta de localização.

Uma vez que todo o interior do edifício foi demolido, excepto uma pequena faixa, de orientação nascente/poente, onde se localizava a caixa de escada do edifício, a qual se manteve até ao final dos trabalhos, houve possibilidade de a intervenção arqueológica ser realizada isoladamente, a partir de uma certa altura, sem que outros trabalhos de engenharia se interpusessem.

Desde cedo que a abertura das primeiras sondagens alertou para a enorme potência estratigráfica deste local, assim como para a respectiva riqueza e intensidade da ocupação antrópica. Do mesmo modo, foi imediatamente reconhecido que a escavação por sondagens não permitia efectuar um registo exaustivo das estruturas arqueológicas que iam surgindo, abrangendo toda a área e aparecendo, na maior parte dos casos, em sobreposição. Este facto, constado desde o início dos trabalhos fazia pressentir uma enorme riqueza arqueológica como se veio, efectivamente, a comprovar.

2. A intervenção arqueológica

A intervenção arqueológica foi programada, em termos de metodologia, de forma a definir sectores de escavação que assim o foram determinados pela manutenção, durante algum tempo, de algumas infra-estruturas.

Foram considerados três sectores, com o objectivo de estabelecer uma divisão interna do edifício, partindo do perímetro das paredes e de algumas infra-estruturas que se iriam manter (Quadro 1): o Sector 1 abrangia toda a parte norte do edifício, onde foram realizadas três valas de sondagem, com dimensões distintas. O Sector 2 implantou-se na parte SE do imóvel e o Sector 3 na parte SW. Estes dois últimos encontravam-se separados do primeiro sector pela escadaria e respectivo alicerce, que se manteve até ao final dos trabalhos, razão pela qual essa área não foi intervencionada arqueologicamente (Fig. 3).

Quadro 1. Distribuição das sondagens arqueológicas nos vários sectores de intervenção		
RUA DOS BACALHOEIROS – SECTORES E SONDAGENS		
Sector 1	Sector 2	Sector 3
Sondagem 1	Sondagem 1	Sondagem 1
Sondagem 2	Sondagem 2	Sondagem 2
Sondagem 3		Sondagem 3
Sondagem 4		Sondagem 4
Sondagem 5		
Escavação em área	Escavação em área	

A peça sobre a qual nos debruçamos foi encontrada no Sector 1 da intervenção arqueológica, numa altura em que já se havia definido uma segunda fase da escavação. A primeira fase correspondera à identificação de estruturas de época moderna, que interpretamos como relacionadas com as antigas “carneçarias” que estiveram instaladas neste local. Sobre estes níveis tivemos oportunidade de os mencionar na apresentação oral apresentada no Simpósio *A Costa Portuguesa no panorama da rota Atlântica durante a Época Romana* que teve lugar em Peniche (16 a 18 de Novembro de 2006) e intitulada “Núcleo de transformação piscícola da Época Romana na Rua dos Bacalhoiros” (Lisboa, 2005/2006, da autoria de Lídia Fernandes, António Marques, Victor Filipe e Marco Calado).

Importa igualmente referir que, nesta mesma revista, foi apresentado no volume 14 de 2011 um trabalho onde se apresentavam os contextos romanos desta intervenção arqueológica (Fernandes & *alii*, 2012, pp. 239–261) e onde são referidos os contextos modernos os quais, no entanto, não foram ainda objecto de um trabalho mais circunstanciado. De referir somente que este equipamento da Época Moderna, as



Fig. 3 Planta com a indicação dos vários sectores em que se dividiu a escavação arqueológica.



Fig. 4 Perspectiva de nascente para poente, observando-se a face este da cetária encontrada no Sector 1. Foi nesta área que se concentraram os fragmentos do cálice.

ditas “carneçarias”, foram instaladas neste local a partir de 1375 (Silva, 1987, pp. 166–167), substituindo as “Fangas da farinha” que, a partir de então, passaram a ocupar outros lugares, sendo que em 1387 são referenciadas na esquina poente da Rua da Padaria. Curiosamente, é também entre 1369 e 1440 que surge a designação de Rua da Padaria, por substituição do antigo topónimo de Rua das Hastes ou dos Hasteeiros (Silva, 1987, pp. 166, 170).

Depois da identificação das estruturas da Época Moderna, que surgiram em elevadíssimo número e ocupando toda a área, procedeu-se à sua desmontagem, passando-se a considerar, metodologicamente, uma segunda fase de ocupação (Fig. 4). A numeração estratigráfica adoptada, ficou designada pela numeração de 1 a x mas com a indicação de “2.ª fase” para se diferenciar da primeira. A sondagem 5 foi a última a ser aberta neste sector uma vez que correspondeu ao “corredor” que permitia o acesso quer às sondagens 1 e 3, situadas a nascente, quer às sondagens 2 e 4, localizadas a poente.

Não podemos deixar de referir que, ainda no decurso da primeira fase dos trabalhos, era evidente uma pré-existência de época romana. Com efeito, na sondagem 2 do Sector 1, um poço construído em alvenaria e entulhado após o terramoto de 1755, tal como o evidenciavam os materiais cerâmicos no seu interior, havia sido construído no interior de uma cetária. Os níveis de ocupação romana foram encontrados em praticamente toda a área de escavação, destacando-se “... quatro tanques de salga de peixe, dois deles em conexão (Vala 2 e 4 do Sector 1) com uma orientação SW/NE. Estas duas estruturas, implantadas no canto NW do actual edifício, encontram-se cortadas pelas fundações modernas (...) conservam uma altura máxima de 1,60 m, apresentando as paredes internas revestidas a *opus signinum* o qual apresenta uma espessura de 3 cm ...” (Fernandes & alii, 2012, p. 246).

3. Contexto arqueológico do cálice itálico

A peça sobre a qual nos debruçamos foi encontrada neste Sector 1, concretamente, na vala 5 e na segunda fase da intervenção, depois da remoção dos contextos de época moderna.

Convém referir que, dada a localização deste imóvel, muito próximo da margem norte do rio Tejo, o nível freático se encontra a um nível muito alto, abrangendo este local os aluviões das praias fluviais da embocadura do Tejo e a formação miocénica das argilas do Forno do Tijolo. Os solos são sedimentares, evidenciando os efeitos do assoreamento erosivo do rio, condições que dificultaram, em grande medida, a intervenção arqueológica, assim como algumas das interpretações que se obtiveram.

Os vários fragmentos pertencentes a esta peça, cinco no total (n.ºs inv. RDB/06/4, 9, 100, 211, 408) com colagem entre si de quatro porções (todos os fragmentos excepto o n.º 100), foram recolhidos em estratos diferentes mas concentrando-se, o seu aparecimento, na parte norte da sondagem 5 do Sector 1 (Fig. 5).

Assim, os fragmentos foram exumados nas camadas 7-a, camada 8, camada 9 e 14 (Quadro 2 e Fig. 6). Nestas camadas, apenas a 8 e 14 evidenciaram materiais exclusivamente de época romana, sendo que as duas restantes, apesar de possuírem espólio cerâmico de cronologias anteriores, oferecem um horizonte cultural que deverá ser associado, muito provavelmente, a contextos medievais, possivelmente islâmicos no que respeita à camada 9, e a contextos tardo-romanos no que se refere ao camada 7-a. De sublinhar que estes contextos ainda não foram objecto de um estudo detalhado, o que leva a que não se atribua uma cronologia mais específica a estas camadas estratigráficas da Época Medieval.



Fig. 5 Planta com a representação das estruturas de cronologia romana, assinalando-se o local onde foram exumados os fragmentos do cálice.

Quadro 2. Descrição das camadas estratigráficas da Vala de sondagem 5, 2.^a fase, Sector 1. Encontram-se assinaladas as camadas que encerravam fragmentos do cálice agora em análise

Sector 1 – Vala de sondagem 5 – 2. ^a Fase – Descrição estratigráfica*				
N.º camada	Coloração	Compactação	Componentes	Descrição
C.1	Bege acinzentado	Solta	Com muitas argamassas desfeitas, moedas, pedras miúdas e pedras de pequeno calibre e alguns seixos de grandes dimensões, cerâmica doméstica e de construção, carvões soltos, algumas conchas	Igual a C.7 da 1. ^a fase
C.1-a	Castanho	Pouco compacto	Telhas, nódulos de argamassa branca, cerâmica comum e pequenas pedras	Equivalente a C.16 da vala 3 – Depósito arenoso de grão médio
C.2	Cinzento	Medianamente compacta	Pedra miúda, carvões, cerâmica doméstica e de construção	Arenosa. Sob E.7, E.12 e E.10
C.2-a	Esverdeado escuro	Medianamente compacto	Com fragmentos anfóricos, cerâmica pintada e fragmentos de paredes finas	Equivalente a C.25 da Vala 3, articula-se com C.3
C.3	Castanho de tonalidade ferrosa		Ossos, pedra miúda, cerâmica	Entre E.10 e E.13, sensivelmente arenosa
C.4	Castanho	Medianamente compacta	Pedra miúda e material cerâmico	Homogénea, arenosa
C.5	Cinzenta-escuro		Muito argilosa	Entre a E. B da vala 4 e E.15. Muito argilosa, relacionada com ligante da E. 15
C.6	Amarela clara	Pouco compacta	Poderá corresponder a um massame de argamassa	Matriz semelhante a C.3 e equivalente a C. 27 da Vala 3
C.7	Castanho-acinzentado	Medianamente compacta	Pedra miúda, cerâmica de construção, carvões, alguns ossos e conchas	Entre E. 17 e E.15, sob C.2. Arenosa
C.7-a	Castanho-acinzentado	Medianamente compacta	Pedra miúda, cerâmica de construção, carvões, alguns ossos e conchas	Matriz semelhante a C.7, aparenta definir a vala de implantação da E.17
C.8	Bege	Muito solta	Pedra miúda, muitos fragmentos anfóricos	Equivalente a C.28 da Vala 3. Muito arenosa, com bolsas de areia limpa
C.9	Esverdeado	Pouco compacta	Muitos conglomerados de argamassas, estuques pintados, pedra miúda, algumas conchas, fragmentos de ossos e fragmentos de cerâmica de construção e doméstica	Sob C.4 e sobre a C. 9. Argilosa
C.10	Tons castanhos	Compacta	Com picos de carvões dispersos	Depósito argiloso, grão fino e médio, homogénea, sob C.8
C.10-a	Esverdeado	Medianamente compacto	Com picos de argamassa dispersos, pequenas conchas, poucos carvões e cerâmica comum	Depósito argilo-arenoso, grão fino e médio
C.11	Tons variáveis entre o cinzento e o esverdeado (elementos margosos)	Medianamente compacto	Pequenas pedras	Corresponde ao depósito de enchimento da vala de fundação da cetária (?). Argiloso, heterogéneo, grão fino e médio, rompe C.10 e sob C.12
C.12	Tons negros	Compacta	Argilas rubefactas poucos materiais cerâmicos	Depósito correspondente a pequena bolsa. Sob C.9
C.12-a	Cinzenta-esverdeado	Pouco compacta	Alguns fragmentos cerâmicos	Sob C.12 no canto SW junto à face Este da cetária e por cima das pedras no canto SW, arenosa, muito homogénea
C.12-b	esverdeado	Pouco compacta	Espólio cerâmico, um cossoiro decorado, <i>sigillata</i> de produção sudgálica, paredes finas	Matriz semelhante a C.12a, mas mais arenosa, no canto SW por trás das pedras que encostam à cetária
C.13	Bege, por vezes cinzento		Algumas pedras, areias (por vezes em bolsas), alguns carvões soltos, bastante material cerâmico sobretudo anfóricos	Sob C.10, entre a cetária e a E.14, essencialmente argilosa
C.14	Cinzento-escuro		Muitas pedras de pequeno e médio calibre, seixos, carvões e fragmentos cerâmicos	Entre E.14 e E.17. Arenosa
C.14-a	Cinzenta muito escura			Matriz igual a C.14 embora mais escura, um pouco mais heterogénea e com mais cinzas
C.14-b	Cinzenta muito escura		Fragmento de <i>opus signinum</i> e um prego em bronze	Igual à C.14, mas circunscrita à área subjacente à E.14, por baixo do pilar
C.15	Bege	Muito solta	Com fragmentos cerâmicos sobretudo anfóricos	Sob E.14. Depósito correspondente a bolsa de areia, homogénea
C.16	Castanho-claro ligeiramente esverdeado	Compacta	Com argamassas de nódulos avermelhados, pequenas pedras	Sob C.13 e C.14, heterogénea
C.17	Esverdeada, por vezes mais bege		Pedras miúdas, alguns carvões soltos, material cerâmico	Sob C.14 e C.13, quase exclusivamente composta por areia, nódulos de argila verde e bege
C.17-a	Cor bege		Areias de rio muito limpas	Matriz semelhante a C.17, mas circunscrita à área subjacente à E.14

* As abreviaturas referem-se a: C.= camada e E.= estrutura.

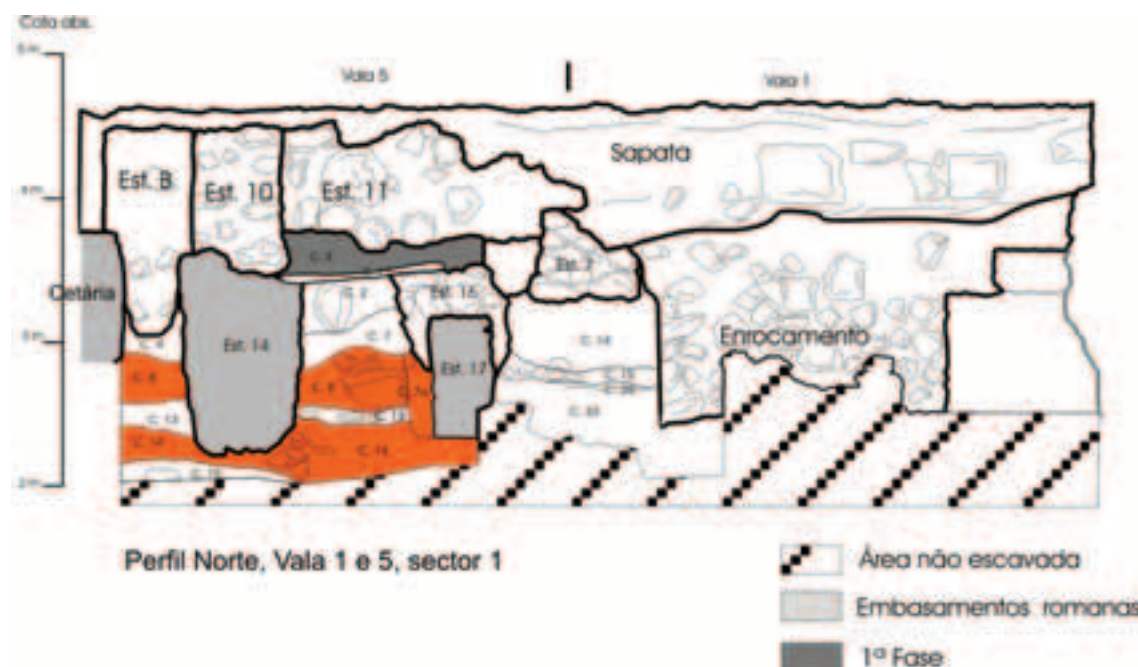


Fig. 6 Perfil norte do Sector 1 (abrangendo as valas de sondagem 1 e 5). Encontra-se assinalados os estratos de onde são provenientes os fragmentos do cálice.

Não poderíamos deixar de sublinhar, mais uma vez, a enorme dificuldade em realizar a intervenção em níveis mais profundos, devido à presença constante do nível freático, razão pela qual se traduziu a dificuldade em caracterizar alguns dos estratos quanto à sua maior ou menor compactação.

Em termos gerais, podemos apontar para as camadas 8 e 14, que apresentam índices cronológicos das duas primeiras centúrias. A camada 8 evidencia múltiplos bordos, panças e asas de panela de difícil indicação cronológica precisa, no entanto, uma asa de ânfora, do tipo Beltrán II ou Dressel 7-11, de produção Bética, apontando o período temporal entre os finais do século I a.C. e meados do século II. Ainda ao nível do espólio anfórico, destaca-se um conjunto composto pelas primeiras produções lusitanas (segunda metade do século I a.C./primeira metade do século I d.C.) e por ânforas de tipo Haltern 70 produzidas na bacia do Guadalquivir (Filipe, 2008). Igualmente uma marca de oleiro em *terra sigillata* itálica, possivelmente do oleiro *Pupius* foi também encontrada neste estrato, assim como vários fragmentos de cerâmica de paredes finas com decoração de granitado arenoso que atribuímos a época claudiana.

No que respeita à camada 14, destacamos algumas ânforas de tipo Haltern 70 provenientes do vale do Guadalquivir, assim como um enorme conjunto de opérculos. Quanto à cerâmica fina romana, um fragmento de paredes finas poderá corresponder morfológicamente aos característicos vasos de *Aco*, ainda que a decoração que apresenta não seja típica destas peças, aproximando-se da decoração das paredes finas com espinhos da Época Republicana. A cronologia situa-se entre 30 a.C. e 20 d.C.

Por último, a camada 7-a pode ser atribuída, genericamente, à Época Tardo-Romana (século IV/V) e a camada 9 relaciona-se com a construção de um muro islâmico, comprovando as constantes alterações a que este espaço foi sujeito ao longo dos tempos (Quadro 3).

Quadro 3. Matriz com indicação do tipo de espólio surgido em cada um dos estratos onde se registaram fragmentos do cálice de produção itálica				
Materiais	Materiais em associação com o cálice itálico			
	CAMADA 7-a	CAMADA 8	CAMADA 9	CAMADA 14
Ânforas		X		X
<i>Terra sigillata</i>		X		
Paredes finas		X		X
Cerâmica comum	X			
Cerâmica cinzenta				X
Cerâmica comum com pintura a branco			X	
Cerâmica vidrada			X	
Cronologias	Século IV/V d.C.	Século I a.C./ meados II.d.C.	Séculos X–XII	Século I a.C./ II.d.C.

A análise dos perfis estratigráficos (Fig. 6) permite concluir que os estratos 8 e 14 – dos quais possuímos maior informação, pois encerravam maior número de materiais cerâmicos passíveis de obter cronologias mais ou menos seguras – se encontram sobrepostos e sensivelmente no mesmo local, isto é, entre estruturas da Época Romana (na Fig. 6 encontram-se assinaladas com os n.ºs 14 e 17). A camada 7-a, apesar de parecer corresponder à vala de fundação da estrutura 17, deverá relacionar-se com a estrutura 16, que se lhe sobrepõe. A camada 9 apenas foi registada graficamente no perfil sul da vala de sondagem 5, não se estendendo para a parte norte da mesma, local onde surgiram os outros estratos mencionados.

As dificuldades interpretativas dos resultados desta intervenção arqueológica encontram-se intimamente relacionadas com os obstáculos criados pela presença sempre constante do nível freático, como temos vindo a referir. Apesar destes condicionalismos, podemos afirmar que “... este núcleo de transformação de pescado terá sido edificado nos meados do século I (Cláudio/Nero), muito possivelmente ainda durante o segundo quartel desta centúria, tendo sido abandonada no século IV.” (Fernandes & *alii*, 2012, p. 250).

4. O cálice: sua forma e decoração

O cálice que agora apresentamos deverá ser oriundo das oficinas aretinas de *M. Perennius*, atendendo à sua excelente execução e aos possíveis paralelos que encontramos.

Trata-se de um cálice com 170 mm de diâmetro de bordo, de lábio de tipo pendente o qual se encontra bastante afastado da parede externa a qual apresenta uma canelura relativamente larga que serve de separação para o início da decoração (Figs. 7 e 8).

Este tipo de cálices pertence, na tipologia do *Conspectus*, à forma R 2.3 correspondendo-lhe uma diacronia que vai desde 9 a.C. até meados do principado de Augusto.

Porten Palange no seu último trabalho, em 2009, sobre as olarias de Arezzo, estabelece também, tipologias quanto aos vasos decorados tendo como critério definidor as características de cada olaria e as marcas dos oleiros envolvidos na sua produção.

Este tipo de cálice poderá ser, então, classificado como pertencendo à forma Per a/3 (Porten Palange, 2009, pp. 19–32, Tafel 6) e sendo inserido na segunda fase de produção da olaria de *Perennius*.

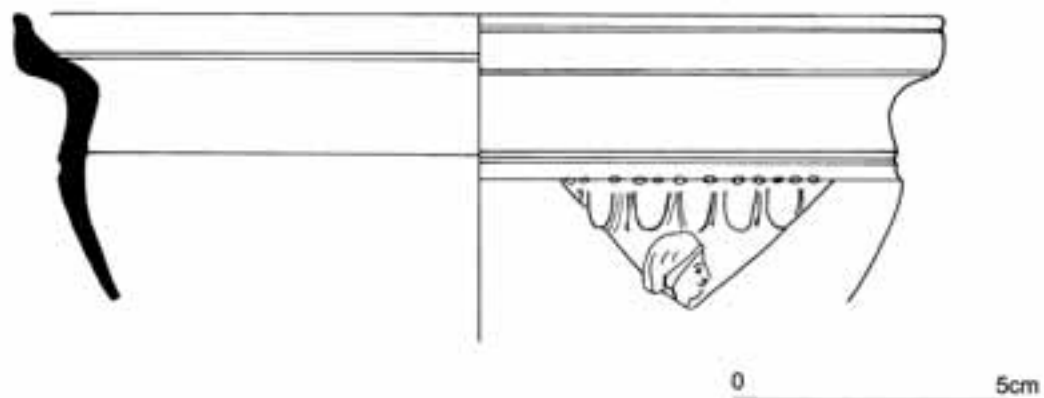


Fig. 7 Desenho, após a colagem, das partes constituintes do cálice (desenho de Eurico de Sepúlveda).



Fig. 8 A totalidade dos fragmentos, após colagem, pertencentes ao cálice.

Esta fase, conhecida como a de *M. Perennius Tigranus*, é caracterizada, principalmente, pelo facto de a marca externa que os vasos possuem ser a de *Perennius* associado a *Tigranus*, ou muito simplesmente apresentarem, apenas, a marca deste último (Porten Palange, 2009, pp. 9–14). A cronologia para esta fase poder-se-á colocar no período que medeia entre 15 a.C. e 10 d. C.

Atendendo ao número de fragmentos que constituem este cálice e à não junção do bordo e arranque superior da parede com a parte inferior da mesma, na qual consta a decoração principal e à inexistência do pé, que foi outra contrariedade que não nos foi possível superar, é-nos difícil apresentar uma medida referente à sua altura. Mesmo assim, pensamos que este vaso deveria ter, possivelmente, uma altura de 100 mm, precisamente até ao ponto de colagem com o pé.

4.1. *Cena decorativa*

Como afirmámos no parágrafo anterior, o cálice que é tema do presente estudo não apresenta o perfil completo, devido ao facto de não haver continuidade entre os dois fragmentos, que obtivemos a partir da colagem de vários outros.

Atendendo a esta condicionante, a nossa análise, embora global, será efectuada para cada um deles, o que irá permitir uma facilidade de estudo. Ao primeiro chamaremos o “grupo do bordo” (Fig. 9) e ao segundo o “grupo da parte inferior da pança” (Fig. 10–12).

Não temos dúvidas que a gramática decorativa que ambos apresentam se insere no que Dragendorff & Watzinger (1948, pp. 86–88) classificaram como típicas do “Zyclus XIII. Symposiongruppen”.

É pois no seguimento da tradição grega de um convívio (*symposium*), pós refeição da noite, em que os convidados se reuniam, em ocasiões especiais para beber o vinho, o qual não tinha sido servido durante o jantar, para conversar, para fazer jogos de adivinhação, sempre acompanhados por músicos, que os oleiros itálicos se inspiraram para decorar os seus cálices.

Entre as olarias que utilizaram este ciclo é sem dúvida a de *M. Perennius* a que desenvolveu este tema, que adjectivamos de estilo neoclássico, durante as primeiras e segunda fases de produção.

Com base em moldes assinados, pensa-se ter sido, certamente, *Nicephorus*, o primeiro oleiro a introduzi-lo no reportório da olaria, seguido, já na segunda fase, por *Tigranus*.

Voltando à análise do cálice da Rua dos Bacalhoeiros, começaremos por tentar dar uma interpretação ao que se encontra decorado no “grupo do bordo”.

Para além da existência de uma banda de pequenas pérolas que se situa na parte inferior da canelura, encontramos um conjunto de ovas simples e dardos, muito finos, que nos parecem ser do tipo lanceolado. Imediatamente abaixo destes, quase em posição tangente, aparece-nos uma cabeça feminina, até ao pescoço, voltada para a direita, de uma jovem que usa um *sakkos* ou um *kekryphalos* a cobrir-lhe completamente os cabelos (Fig. 9). Pensamos existir na utilização do *sakkos* uma intenção de revivalismo clássico, da parte do oleiro, atendendo ao facto de que esta “touca” ter caído em desuso, na Grécia, por volta dos finais do século IV a.C.

O “grupo da parte inferior da pança” foi o que nos permitiu identificar a decoração como directamente ligada à representação do ciclo D/W XIII.

A leitura que iremos efectuar desenvolve-se no sentido dos ponteiros do relógio e começa, portanto, pela observação de um primeiro *kline* que domina o nosso campo de visão. Uma pequena parte de um antebraço e mão esquerda, são visíveis indiciando uma figura que se segura de maneira, digamos, ansiosa, arrepanhando, de forma bem visível a colcha do *kline*. Seguidamente distingue-se a imagem de um homem reclinado, voltado também para esquerda, e a quem falta a cabeça e braço

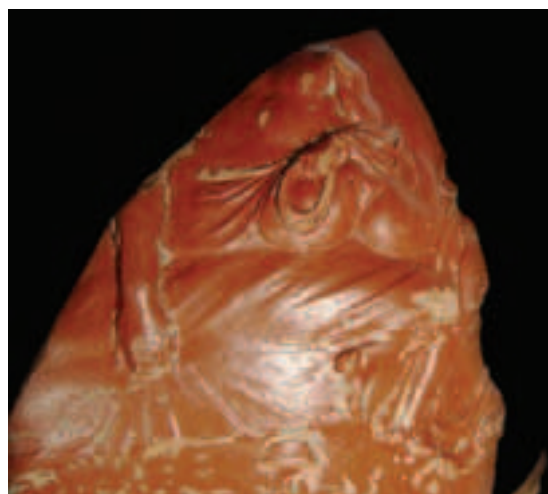
Fig. 9 Jovem/mulher usando *sakkos*.Fig. 10 *Kline* com figura de jovem reclinado, com coroa na mão.

Fig. 11 Figura de sátiro sentado para a esquerda.

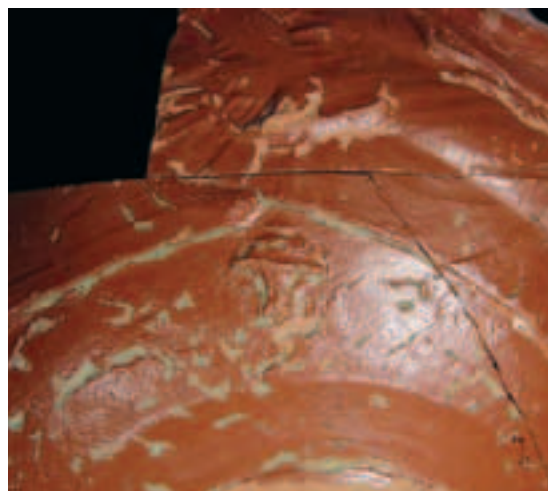


Fig. 12 Parte inferior do cálice mostrando uma das borlas.

direito. Dá-nos a sensação de se tratar de um jovem com aptidão atlética, atendendo ao torso que se encontra nu, contrariamente às pernas que estão cobertas por colcha ou lençol. Na mão esquerda segura uma coroa que poderá ter como significado a recompensa pela vitória em algum dos jogos e/ou adivinhações realizados durante o festim (Fig. 10).

Por detrás do *kline* e bem junto aos coxins/almofadões, que servem de apoio ao jovem, vislumbram-se duas pernas, das quais a da esquerda se encontra dobrada, de uma figura voltada para a direita que poderá ser a de um tocador de lira/cítara que se encontra junto aos pés de uma cadeira, da qual também não possuímos a imagem, e onde se deveria sentar uma tocadora de *aulos*. Parece-nos, também, vislumbrar traços que devem representar pontas da clâmide que usaria ao pescoço.

Por baixo do *kline* é possível, ainda, identificar o que nos parece ser um enfeite em forma de borla, que se encontra suspensa e que certamente faria parte integrante da colcha (Fig. 12).

A partir daqui o cálice encontra-se bastante fracturado não nos dando alguma leitura. Recomeça-se, então com um longo *kline* (para três pessoas?), em que se vê sentado, em cima de possível banco/cadeira, a figura bizarra de um sátiro, para a esquerda, que certamente tocaria uma flauta do tipo *aulos* (Fig. 11).

Deitada sobre a cama em posição frontal para o espectador, conseguimos observar as pernas de uma mulher até, ao que nos parece ser o umbigo, faltando o companheiro que poderia estar com ela. É de frisar o requinte, mostrado pelo oleiro ao introduzir pormenores como sejam os da borda da colcha e os da finura das pregas da mesma.

Este quadro termina com as mesmas pernas do tocador de lira/cítara referidas *supra*. Por baixo da colcha e na direcção do pé do sátiro e perto do final do *kline* é novamente visível uma borla suspensa.

Infelizmente, a partir daqui, não possuímos mais nenhuma decoração.

4.2. Punções utilizados

Durante este longo espaço de tempo que nos temos dedicado ao estudo da terra *sigillata* e em especial à *sigillata* de tipo itálico decorada, somos defensores da teoria que a atribuição a este ou aquele oleiro de fragmentos sem marca, seja baseada através da identificação da gramática decorativa que apresentam e não pelos punções neles utilizados. No entanto, concordamos que, no caso presente, uma análise aos punções nos possa dar uma ajuda para a persecução do objectivo a atingir: a identificação do oleiro.

Para tal, recorremos aos excelentes trabalhos de Porten Palange de 2004 e 2009, no qual fomos encontrar filiação para os punções que entraram na composição decorativa do cálice da Rua dos Bacalhoeiros. Começaremos, como tem sido nossa norma, pela análise dos que estão inseridos no “grupo do bordo”.

Estabelecemos para os dois elementos decorativos os seguintes paralelos:

À faixa de óvulos e dardos corresponderá um conjunto decorativo utilizado na oficina de *Perennius*, durante a segunda fase de produção, classificado por Porten Palange com o n.º 3 (Porten Palange, 2009, Tafel 17); quanto ao punção com cabeça da jovem com os cabelos cobertos por *sakkos* foi-nos completamente impossível estabelecer paralelos, na medida em que existe uma variedade considerável de punções que apresentam figuras femininas com aquelas características.

Por sua vez, o “grupo da parte inferior da pança” é composto por seis punções para os quais encontrámos os seguintes paralelos.

Usando o mesmo princípio de leitura que utilizámos para a descrição da decoração da Fig. 10, deparamo-nos, em primeiro lugar, com o punção referente à mão e antebraço para o qual apontamos, com certas reservas, o que se encontra aplicado num fragmento apresentado por Oxé (1933, p. 120, Tafel XV, n.º 70), onde se observam um homem e uma mulher em cena de *symposium* / *simplegma* num “Kelch des M. Per. Tigranus”.

Seguidamente, para a figura do jovem segurando a coroa pensamos ser lícito estabelecer paralelo com uma figura originada na oficina de *M. Perennius* que se encontra referenciada, pela investigadora que temos vindo a citar, com a sigla mSymp 2 (Porten Palange, 2004, p. 229, Tafel 125). À mesma olaria pertencem os punções do jovem tocador de lira/cítara (Porten Palange, 2004, p. 235, mTMF re 1a, Tafel 127) e das pernas da cadeira (Porten Palange, 2004, p. 243, wTMF li 7a, Tafel 129). O punção que identificámos como representando a figura do sátiro corresponde, novamente, com um punção “pereniano” com a seguinte sigla e referência (Porten Palange, 2004, S li 8a, Tafel 113). Por fim, o fragmento do punção com as pernas femininas será possivelmente originado, também, na olaria pertença deste oleiro. Se este tivesse completo, verificar-se-ia a representação do par amoroso, pois, para além da jovem/mulher, é-nos dado a conhecer o seu acompanhante (Porten Palange, 2004, p. 231, mwSymp 1a, Tafel 125).

4.3. Paralelos possíveis para a decoração do cálice

Tendo presente a alta percentagem de punções originados na olaria de *M. Perennius*, na sua fase tigranea, procurámos nos exemplares publicados sobre este oleiro a possibilidade da existência de paralelos. Como resultado dessa busca, encontramos três cálices, que passaremos a referir por ordem crescente de paralelismo.

É sem dúvida o molde de um cálice apresentado por Porten Palange (2009, Komb. Per 34, Tafel 30 e p. 397, Herkunft der Motive) e pertencente ao Museu Nazionale Romano, publicado em 1988 por Vannini (*apud* Porten Palange, 2009, p. 435, Bibliographie), aquele que está decorado com um dos punções do cálice da Rua dos Bacalhoiros, embora a cena de *symposium* não esteja representada (Vannini, 1988, cat. 17).

O segundo paralelo fomos buscá-lo a um exemplar encontrado em *Vetera* (Xanten), no *limes* renano, publicado por Oxé (1933, pp. 41–43, Tafel I e II 1a-1d). A forma do cálice, a banda de pérolas e os dardos são perfeitamente iguais ao do nosso cálice. No respeitante à decoração, a qual não é muito nítida na fotografia apresentada, parece-nos não ser tão idêntica à do nosso cálice.

Finalmente, os terceiros paralelos escolhidos pertencem às colecções do Museum of Fine Arts de Boston e foram publicadas por George Chase, em 1916 (plate XII e XIII, n.º 34 e plate XXV, n.º 45), que se encontram na linha das decorações representando cenas de *symposium* e/ou *simplegia*, as quais são similares à gramática decorativa que estudámos.

5. Os arqueossítios, no actual território português, com espólios de *terra sigillata* de tipo itálico decorada

Não terminaremos este nosso trabalho sobre o cálice em *terra sigillata* de tipo itálico exumado durante a intervenção arqueológica preventiva na Rua dos Bacalhoiros, levada a cabo pela equipa¹ do Museu da Cidade (Câmara Municipal de Lisboa), sem nos referimos ao seu enquadramento em relação aos vários fragmentos de vasos decorados estudados para o actual território português ao tempo inserido no sistema administrativo das províncias romanas da Península Ibérica.

Adília Alarcão é sem dúvida a primeira investigadora que se debruça sobre um possível mapa de difusão dos cálices decorados de produção itálica, em território nacional. A sua lista é trazida à colação num artigo escrito em 1974, na revista *Conimbriga* que, para a altura, nos revela tudo o que se poderia saber sobre o assunto em epígrafe.

Da sua lista (Alarcão, 1974, p. 38), constam sítios arqueológicos de ocupação romana, com cronologias que apontam para os principados de Augusto, Tibério e possivelmente Calígula e Cláudio como sejam Alcácer do Sal, Conimbriga, Lousa (Mourão), Represas (Beja) e Tróia de Setúbal.

Graças à política de escavação/publicação, levada a cabo durante as últimas décadas do século XX temos, neste momento, a oportunidade de aumentar esta lista acrescentando-a com mais arqueossítios que nos serviram para a elaboração de um quadro (Quadro 4) que apresenta não apenas essa enumeração, mas também o tipo de gramática decorativa, quando possível, que foi aplicada em cada fragmento.

Assim, em Braga, Rui Morais (2005) estudou cerca de meia centena de fragmentos dos quais destacamos, para além dos que não lhe foi possível determinar em que temas estariam incluídos: o que se relaciona com o ciclo VIII de Dragendorff & Watzinger (1948); o que está decorado com uma cena báquica; e, por fim, uma taça, de perfil completo, em *terra sigillata* de tipo itálico tardia, com decoração do tipo fitomórfico.

Em Santarém, Catarina Viegas (2002) estudou, na sua tese de mestrado, 29 fragmentos provenientes da Alcáçova, dos quais vinte são susceptíveis de oferecer leitura. Este grupo é constituído, na sua maioria, por elementos que poderão pertencer a decorações que se devem enquadrar em temas de características de tipo vegetalista.

Apenas um fragmento (Viegas, 2002, pp. 81–82, n.º 23333) parece-nos, baseando-nos na descrição utilizada pela autora, poder ser incluído no chamado Ciclo XVII Jagdgruppen (cenas de caça) (Dragendorff & Watzinger, 1948 pp. 91–96).

A cidade de Lisboa foi também um novo ponto que nos forneceu novos dados relacionados com o estudo da *terra sigillata* de tipo itálico decorada.

As escavações efectuadas por um dos signatários (L.F.) no teatro romano permitiram obter um espólio de 17 fragmentos dos quais destacamos um fragmento originado na olaria de *M. Perennius*, na sua fase “tigrana”, e que foi alvo de apresentação num colóquio (Sepúlveda & Fernandes, no prelo) incluído, também, no ciclo XVII, cenas de caça, assim como os restantes, dos quais distinguimos os de decoração vegetalista.

Finalmente, as últimas escavações feitas por Marina Carvalhinhos e Rodrigo Banha da Silva, na Praça da Figueira (1999-2001) deram lugar à obtenção de um conjunto de 50 exemplares decorados dos quais 40 podem dar lugar à leitura da sua gramática decorativa.

A análise deste espólio foi efectuada por Catarina Bolila, que, na sua tese de mestrado, defendida em 2012, teve oportunidade de incluir dois fragmentos que, pelos punções que possuem, podem ser inseridos em cenas de banquete (*symposium*) ou de simplegma.

A variedade dos fragmentos decorados apresentados passa, também, por cenas báquicas, por representações elaboradas a partir de punções fitomórficos, acabando com composições em que as “peles de pantera ou de leoa” eram parte fundamental na organização da decoração.

Quadro 4. Sítios arqueológicos com fragmentos nos quais se identificaram gramáticas decorativas

Tipos de decoração	Estações arqueológicas na Lusitânia e na Tarraconense							
	Alcácer do Sal	Braga	Conímbriga	Lisboa (Praça da Figueira)	Lousa	Lisboa (teatro romano)	Santarém	Tróia
Zyklus VIII	–	X	–	–	–	–	–	–
<i>Symposium</i> (Zyklus XIII)	–	–	–	X	–	–	–	–
Zyklus XVII	–	–	–	–	–	X	X	–
Temas dionisiacos	X	X	X	X	X	–	–	?
Temas báquicos	X	X	–	–	–	–	–	?
Marte	–	–	X	–	–	–	–	–
Pele de pantera/ leoa	–	–	–	X	–	–	–	–
Fitomórfica	X	X	–	X	–	X	X	–

Do que apurámos em relação à produção de cálices originados na olaria de *M. Perennius Tigranus*, inseridos no ciclo D/WXIII, não vem mais do que confirmar a conclusão de Marabini Moevs ao afirmar que “the Symposium and Erotic scenes of Perennius seem to reflect the sequency of banquet and symplegma of classical Greece” (Marabini Moevs, 2006, p. 126).

NOTAS

- * Economista, arqueólogo. Associação Cultural de Cascais. Colaborador do Museu do Teatro Romano.
- ** Arqueóloga do Museu da Cidade (Câmara Municipal de Lisboa). Coordenadora do Museu do Teatro Romano. Mestre em História de Arte
- ¹ Equipa composta António Marques, arqueólogo do Museu da Cidade, e por dois colaboradores, Victor Filipe e Marco Calado.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- AGUAROD OTAL, Carmen (1991) - *Cerámica romana importada de cocina en la Tarraconense*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico.
- AGUAROD OTAL, Carmen (1995) - La cerámica común de producción local, regional y importada. Estado de la cuestión en el Valle del Ebro. In *Cerámica comuna romana d'Época Alto-Imperial a la Península Ibérica. Estat de la qüestió*. Empúries: Museu d'Arqueologia de Catalunya, pp. 129-153.
- ALARCÃO, Adília (1975) - Les sigillées italiques. In ALARCÃO, Jorge; ETIENNE, Robert, eds. - *Fouilles de Conimbriga, IV*. Paris: De Boccard, pp. 1-66.
- ALARCÃO, Adília M. (1970) - Um cálice de *terra sigillata* da oficina de C. Annius (filiado na obra de Rasinius). *Conimbriga*. Coimbra. 9, pp.45-50.
- ALARCÃO, Adília M. (1971) - A *terra sigillata* itálica em Portugal. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra: Junta Nacional de Educação, pp. 421-432.
- ALARCÃO, Adília M. (1974) - Um cálice da oficina de Rasinius (Palácio Ducal de Vila Viçosa). *Conimbriga*. Coimbra. 13, pp. 33-40.
- ARTHUR, Maria de Lourdes Costa (1953) - Uma taça de *terra sigillata* do Museu de Alcácer do Sal (Portugal). In *Crónica del III Congreso Arqueológico Nacional*. Zaragoza: Secretaría General de los Congresos, p. 552.
- BOLILA, Catarina (2011) - *A terra sigillata de tipo itálico da Praça da Figueira (Lisboa)*. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arqueologia apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiada).
- BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena (2010) - *El comercio de terra sigillata alto imperial en el Círculo del Estrecho: balance historiográfico y líneas de investigación*. Oxford: Archeopress.
- CHASE, George Henry (1908) - *The Loeb collection of Arretine pottery catalogued with introduction and descriptive notes*. New York, NY: Laurentian Press.
- CHASE, George Henry (1916) - *Catalogue of Arretine pottery*. Boston, MA; New York, NY: The Riverside Press.
- DRAGENDORF, Hans; WATZINGER, Carl (1948) - *Arretinische Reliefkeramik mit Beschreibung der Sammlung in Tübingen*. Reutlingen: Gryphius-Verlag.
- DRESSSEL, Heinrich (1899) - *Corpus inscriptionum Latinarum. Consilio et auct. Acad. Litt. Boruss. editum. Vol. XV: Inscriptiones urbis Romae Latinae. Instrumentum domesticum. Pars II fasc. I: Amphorae, vasa arretina, lucernae, vascula uitrea, suppellex aenea et plumbea*. Berlin: Georg Reimer.
- FARIA, João Carlos (2002) - *Alcácer do Sal ao tempo dos romanos*. Lisboa: Edições Colibri; Alcácer do Sal: Câmara Municipal.
- FERNANDES, Lídia; MARQUES, António; FILIPE, Victor; CALADO, Marco (2006) - Intervenção arqueológica na Rua dos Bacalhoeiros (Lisboa, 2005-2006). *Al-madan*. Almada. IIª Série. 14, pp. 60-65.
- FERNANDES, Lídia; MARQUES, António; FILIPE, Victor; CALADO, Marco (2011) - A transformação de produtos piscícolas durante a época romana em *Olisipo*. O núcleo da Rua dos Bacalhoeiros (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 14, pp. 239-261.
- FERRARI, Anna (1999) - *Dizionario de mitologia greca e latina*. Torino: UTET.
- FILIPE, Victor (2008) - Importação e exportação de produtos alimentares em *Olisipo*: as ânforas romanas da Rua dos Bacalhoeiros. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:2, pp. 301-324.
- GENIN, Martine (2009) - Les sigillées italiques et gauloises. In GOUDINEAU, Christian; BRENTCHALOFF, Daniel, eds. - *Le camp de la flotte d'Agrippa à Fréjus: les fouilles du quartier de Villeneuve (1979-1981)*. Paris: Errance, pp. 287-366.
- MAYET, Françoise (1975) - *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique*. Paris: De Boccard.
- MAYET, Françoise; SILVA, Carlos Tavares da (1998) - *L'atelier d'amphores de Pinheiro (Portugal)*. Paris: De Boccard.
- MAYET, Françoise; SILVA, Carlos Tavares da (2002) - *L'atelier d'amphores d'Abul (Portugal)*. Paris: De Boccard.
- MARABINI MOEVIS, Maria Teresa (2006) - *Cosa: the Italian sigillata*. Roma: American Academy in Rome.
- MORAIS, Rui (2005) - *Autarcia e comércio em Bracara Augusta*. Braga: Universidade do Minho.
- NAVARRÉ, Octave (1877) - Symposium (Συμπόσιου). In DAREMBERG, Charles; SAGLIO, Edmond, eds. - *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines d'après les textes et les monuments*. Tome IV. Paris: Hachette, pp. 1597-1581.
- OXÉ, August (1933) - *Materialien zur römischgermanischen Keramik. Arretinische reliefgefasse vom Rhein*. Bonn: Habelt.

- OXE, Auguste; COMFORT, Howard; KENRICK, Philip (2000) - *Corpus Vasorum Arretinorum. A catalogue of the signatures, shapes and chronology of Italian sigillata*. Second Edition. Bonn: Habelt.
- PEACOCK, David P. S.; WILLIAMS, David F. (1986) - *Amphorae and the Roman economy: an introductory guide*. London: Longman.
- PEREIRA, Maria Adelaide (1974) - Três fragmentos rasinianos no Museu Nacional de Arqueologia. *Conimbriga*. Coimbra. 13, pp. 41–43.
- PORTEN PALANGE, Francesca (1966) - La ceramica aretina a rilievo nell'Antiquarium del Museo Nazionale in Roma. Firenze: La Nuova Italia.
- PORTEN PALANGE, Francesca (1989) - Fälschungen in der Arretinischen Reliefkeramik. *Archäologisches Korrespondenzblatt*. Mainz. 19, pp. 91–96.
- PORTEN PALANGE, Francesca (2004) - *Katalog der Punzenmotive in der arretinischen Reliefkeramik*. Mainz: Römisch-Germanisches Zentralmuseum.
- PORTEN PALANGE, Francesca (2009) - *Die Werkstätten der arretinischen Reliefkeramik*. Mainz: Römisch-Germanisches Zentralmuseum.
- SEPÚLVEDA, Eurico de; GOMES, Nuno; SILVA, Rodrigo Banha (2001) - Intervenção arqueológica urbana na Rua dos Douradores / Rua de S. Nicolau (Lisboa), 1: a *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, pp. 401–414.
- SEPÚLVEDA, Eurico de; FERNANDES, Lídia (no prelo) - Teatro romano de *Felicitas Iulia Olisipo*: la *sigillata* de tipo itálico decorada proveniente de las campañas arqueológicas de 2005–2006. In BERNAL CASASOLA Dario; JUAN TOVAR, Luis Carlos, eds. - *Actas del Congreso "Hornos, Talleres y Focos de producción en Hispania"*. SECAH-Ex Officina Hispania, Cádiz.
- SEPÚLVEDA, Eurico de; MATA, Vanessa; FERREIRA, Marisol (no prelo) - Espólio da encosta do Lado Ocidental do Castelo de Alcácer do Sal (LOCAS). A *terra sigillata* de tipo itálico decorada e marcas de oleiro – II (Um projecto de João Carlos Faria). In *Actas do 1.º Encontro de Alcácer do Sal. 5000 anos de Arqueologia e História. Tributo a João Faria*. Alcácer do Sal.
- SILVA, Augusto Vieira da (1939) - *A Cerca Moura de Lisboa*. 2.ª ed. Lisboa: Câmara Municipal.
- SILVA, Augusto Vieira da (1987) - *A Cerca Moura de Lisboa*. 3.ª ed. Lisboa: Câmara Municipal.
- STENICO, Arturo (1960) - *La ceramica aretina. I. Museo archeologico di Arezzo: Rasinius*. Milano: Cisalpino.
- STENICO, Arturo (1966) - *La ceramica aretina. II Collezioni diverse: punzioni, modelli, calchi, ecc.* Milano: Cisalpino.
- Tombo da Cidade de Lisboa de 1755*, Cópia do exemplar que está na Torre do Tombo, feita sobre uma cópia do mesmo Tombo, da letra de José Valentim de Freitas, que está na Associação dos Arqueólogos, por João Marques da Silva em Junho de 1894.
- VANNINI, Angela (1988) - *Muzeo Nazionale Romano: le ceramiche. V, 2: matrici di ceramica aretina decorata*. Roma: De Luca.
- VIEGAS, Catarina (2002) - *A terra sigillata da Alcáçova de Santarém: cerâmica, economia e comércio*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- VIEGAS, Catarina (2009) - *A ocupação romana do Algarve: estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no Período Romano*. Lisboa: UNIARQ.